

LIDERANÇA, AUTORIDADE, E PODER À LUZ DOS MODELOS ECLESIOLOGICOS BÍBLICOS

Eduardo Velázquez, Dean
Seminário Teológico Nazareno de Cono Sur – Argentina

O século vinte e um abre com uma crise no exercício e reconhecimento de figuras de autoridade. Esta crise forma uma das muitas facetas do que é conhecido como pós-modernismo, que tem gerado uma necessidade de repensar os polarizados de liderança contemporânea, corporada numa forte dose de abuso numa mão, ou em outros casos, com falta de autoridade.

A igreja de Cristo não é imune a esta crise porque os modelos de liderança eclesiásticos foram adoptados largamente dos legados das cosmovisões culturais e modelos de gerenciamento seculares. Com isto em vista, alguns dos casos deste paradigma são devido à ausência de séria reflexão em modelos bíblicos da autoridade, numa mão, e a tensão entre a teoria do modelo pseudo-bíblico e sua prática no desenvolvimento da missão noutra mão. Como resultado, líderes de igrejas não seguiram destes modelos, trazendo desapontamento numa mão, devido ao abuso da autoridade, falta de integridade e dúbios padrões comportamentais, ou, indiferença e falta de real liderança que resulta em tentativas ineficazes na missão contemporânea noutra mão.

Um sério estudo de Escrituras revela o antagonismo e tensão entre o secular e o conceito Cristão da autoridade e poder no exercício de liderança. Jesus refere-se a este antagonismo em Mateus 20:25-28, denotando que o modelo secular da autoridade e poder no seu tempo não eram compatíveis com a visão do Reino de Deus. A manipulação e alienação da dignidade e liberdade de seres humanos é muito diferente da humildade e serviço requeridos no desenvolvimento de um ministério que traz reconciliação, cura e restauração da imagem de Cristo na humanidade.

Encarado com esta crise de liderança na igreja, precisamos de perguntar a nós mesmos: estamos nós como igreja de Cristo, a não juntar o fruto do modelo ilegitimado de liderança? Quais são as mudanças que precisam ser feitas a fim de revitalizar o exercício de legitimar autoridade e poder na vida e missão da igreja?

Para adquirir liderança, que seja consistente com a visão divina, a igreja precisa rever a sua teologia de liderança, considerando os modelos eclesiológicos bíblicos com vista a edificar uma igreja e missão saudável.

Liderança, autoridade e cultura

Um ponto a considerar neste assunto de liderança e autoridade é a influência da cultura e tradição na formação. Historicamente na América Latina, o exercício do poder e autoridade tem sido dado dentro do quadro de conquistas, revoluções e ditaduras, entre outros, o que tem feito o entendimento social e o exercício de liderança elevando-a à emergência da figura de "chefe" protótipo ou líder corporado. Em relação a isto, embora temos visto como a acção da igreja tem influenciado sociedades, devemos admitir também a cultura social de alguma maneira tem formado a cosmovisão da igreja. Reforçando esta visão, Agüera Ibañez diz que: "liderança não pode ser entendida sem a compreensão da sua natureza, as suas implicações e razões de estar num grupo no qual opera, e vice-versa, uma sociedade não pode ser entendida sem compreender o carácter de liderança. Assim o líder, é entendido através da sociedade onde ele/ela age, Mas é também verdade que, a sociedade não poder ser completamente entendida, sem olhar para o fabrico de seus acordos e, com certeza, de seus líderes " ¹.

Como se tem vindo a dizer, a igreja não é imune a esta influência. Este tipo de liderança, com seus valores e princípios seculares, tem trazido uma distorção do exercício da autoridade, faz-la em muitos casos autoritária, alienando liderança da eficiência administrativas e exibição criativa. Gareth Morgan, um analista organizacional inteligente notou que:

Embora habitualmente pensemos em organizações como empresas racionais buscando alvos que irão ao encontro dos interesses da sociedade, há muito mais evidência a sugerir que esta vista nem sempre corresponde a realidade. De largos projectos de construção da antiguidade ao público moderno ou corporações privadas, se eles são exércitos, igrejas, uniões, instituições educacionais, a média de massas, pequenos e médios negócios ou mesmo negócios familiares, encontramos relações de poder assimétricos que podem adquirir manifestações disfuncionais e são ariscados para o bem-estados membros da organização e sociedade. ²

Esta perspectiva tem também criado tensões dentro da igreja, da perspectiva bíblica em autoridade, como é difícil reconciliar autoridade e serviço como "o chefe " quem serve, em vez de ser servido; todos estes resultados numa distorção da imagem bíblica do ministério e

¹ Agüera Ibañez, Enrique. *Liderazgo y Compromiso Social*. Editorial BUAP. México. 2004. Pág.24

² Gareth, Morgan. *Imágenes de La Organización*. 1998. Edit. Alfa Omega. México, D.F. Pag.189.

nascimento de um síndrome *de filoprimotosis* de liderança (amor em primeiro lugar) e polarizar os relacionamentos de liderança da igreja.

Uma das mais controversas dimensões, até no que diz respeito a relacionamentos interpessoais, é a competição para posições de autoridade sobre os outros. Hoje há técnicas e metodologias que ensinam como influenciar pessoas e ter resultados que alimentam o ego-centrismo. As motivações são variadas: buscando uma melhor auto-imagem, afirmando sua identidade, impondo critério pessoal, cobrindo sentimentos de culpa ou subestimação, orgulho, ciúme, inveja, ou mesmo alguma coisa um pouco como a satisfação que vem da filantropia.

As confrontações e lutas de poder são reflectidas com trágicos e significantes resultados na nossa história, em muitos casos, catastróficos àqueles que acabam como vítimas da intolerância, autoritarismo, desputismo e ultrage. Sem sombra de dúvida o uso e abuso da autoridade +é a causa de muitos problemas, não somente nas nações, mas também dentro das comunidades Cristãs.

Neste quadro a igreja tem estado a andar até a realidade de repensar modelos mais em acordo com a Bíblia que darão orientação à vida e missão da igreja num contexto mais saudável e curadora. Uma das figuras mais imediatas que emergiram é a necessidade de repensar no Lider-Servo, seguindo o estilo de liderança de Jesus Cristo.

No seu ensino proverbial sobre autoridade na igreja em Mateus 20:25-28, Jesus pôs bem claro que os paradigmas seculares nem sempre são compatíveis com os princípios do Reino de Deus, "Não será assim convosco ..." desafia a igreja a uma contínua redefinição do modelo administrativo. Samuel Neri expressa isto bem:

Jesus chama-nos não a sobrevalorizarmos nossas varandas, cadeiras, púlpitos e todos os símbolos de poder que impedem-nos de servirmos as pessoas; ele chama-nos para nos dedicarmos a ser "servos" do nosso próximo e ou de nossos irmãos.

Somos chamados a um serviço que é concreto, não em palavras, mas nas atitudes, gestos, num cometimento do bem dos outros. Aqueles que assumem a posição de "servos" simultaneamente assumem autoridade para orientarem, guiar, alimentar, ensinar, exortar, etc., sem tirania. Que Deus nos dê graça e sabedoria a nunca esquecermos de guardar esses princípios que guardarão a comunidade Cristã segura; precisamos de salvar a "Sua" igreja de corpo a corpo que é competição em vez de serviço.³

³ Neri Samuel. Siervos o Reyes: ¿Quién manda?.

www.compromisocristiano.com/autoridad/siervos-o-reyes-¿quien-manda.html. Diciembre de 2009.

Um dos alvos deste estudo é rever alguns princípios que emergem do exercício de liderança no Novo Testamento assim como os contornos do estilo de líder baseados na autoridade da Escritura e relevantes para a o povo de Deus.

Modelos Bíblicos eclesiológicos para a liderança saudável

Esta imagem de líder servo introduziu acordos e desacordos no exercício de liderança na igreja Cristã. O assunto em mão é onde é que desenhamos a boa linha entre autoridade e autoritarismo ou serviço e servilidade?

Esta tensão ocorre porque a igreja como uma instituição corporada precisa de homens e mulheres para capacitarem a sua missão no mundo. É aqui que éticas ministeriais jogam um papel importante onde o líder carrega a sua tarefa dentro de um quadro equilibrado de carácter e conduta definida em termos bíblicos.

Quando João e Tiago clamaram por uma posição privilegiada Jesus disse: "não sabeis o que quereis," mostrando claramente que entre os líderes Cristãos, posições privilegiadas e autoridade não são por influência, fama, aparências ou através de antiguidade. Somente o capote do "servo" faz alguém ser conveniente para a posição de autoridade na Comunidade de Cristo, a igreja. Qualquer outra atribuição procurada para preencher esta posição criará conflitos e está fora do lugar. Nem mesmo o Filho de Deus veio a ser servido, mas servir e dar a sua vida como expiação de muitos.

Compreendemos então que mesmo na igreja primitiva, a tensão esteve presente, e os líderes e as congregações trabalharam para adquirirem o equilíbrio proposto por Cristo para a sua igreja, assim a igreja deve rever estilos de liderança contemporâneos sob o microscópio das Escrituras e repensar de uma maneira crítica.

Jesus: humildade e serviço

Para Cristo os fundamentais de liderança eram marcados pela humildade e serviço. É assim que Jesus confronta as estruturas de poder de seu tempo denunciando a paixão de controlar escondido neles, propondo uma alternativa. A política alternativa proposta por Jesus é a criação de uma nova comunidade modelada no Rei-Servo. Uma comunidade na qual liderança é baseada no serviço, como "o Filho do Homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos" (Marcos 10:45).

Como vimos primeiramente, haviam aqueles dentro do círculo de Jesus que consideravam a ideia de que a autoridade e poder tinham que ser dados por nomeação seguindo os costumes da sociedade. Os discípulos, em secreto, queriam ser parte da liderança na estrutura social do Reino de Messias, acreditando que este Reino teria as mesmas características como os reinos que lhes

eram familiares. Jesus abolirá esta maneira de pensar sobre poder e autoridade. O reino terá estrutura diferente. O caminho para o trono, para a glória, mudará porque agora o povo tem que sentar no trono através de servir.

É neste contexto que Jesus usa a palavra "*diákonos*" não para designar ministérios, mas uma atitude de abertura às necessidades da comunidade dos memvros. A atitude de servir opõe-se à posição da pessoa que quer dominar; os servos estão num relacionamento de dependência, em humildade e vontade oferecem suas vidas para "ministrar" a seus semelhantes. Oswald Sanders afirma claramente:

Verdadeira grandeza e verdadeira liderança não é adquirida por reduzir os homens ao serviço de alguém mas por dar a si mesmo generosamente para servir. E isto nunca é adquirido sem a paz ... o verdadeiro líder espiritual cuida infinitamente mais pelo serviço prestado a Deus e seus seguidores que os benefícios e prazeres que possam ser tirados da vida. Ele visa dar mais à vida que o que eles levam dela.⁴

Para Cristo, , *diakonia* é identificado com o partir do pão, servir na mesa, cuidar dos pobres, pregando, pastoreando e guiando. Podemos dizer que todo o trabalho na comunidade pode ser chamado *diakonia*. O líder é o *diakono* da comunidade. Este estilo de vida e forma de exercer a autoridade trará oposição do mundo. Os doze discípulos, que são a autoridade para a comunidade, deviam ser servos cujo estilo de vida mostra o exemplo do reino. Desta maneira para Jesus não havia conflito entre autoridade e humildade, autoridade e serviço; para ele antes isto confirma autoridade dentro da comunidade Cristã.

O desafio então para a liderança contemporânea é claramente tentar voltar para o modelo mais bíblico de liderança, com uma necessária revisão da prática de liderança na igreja. Nesta revisão, perguntas precisam de ser feitas n que respeita a como podemos reconverter o exercício da autoridade ministerial como um fim em si mesmo a um meio de edificar a igreja pelo serviço. Como podemos nós voltar a refocalizar os alvos e objectivos de liderança Cristã de interesse pessoal e local para atendermos as necessidades vitais e essenciais da igreja e o cumprimento dos propósitos do Reino de Deus?

Tiago e o Conselho de Jerusalém:

⁴ Sanders, J. Oswald. Liderazgo Espiritual. Editorial Portavoz. Grand Rapids, Michigan, E.U.A. 1995. Pag.13

Leadership que adaptar-se a paradigmas

Possivelmente, alguns dos aspectos mais desafiantes para a liderança Cristã são o paradigma que ocorre na vida e trabalho da igreja em interação com o contexto. Mudanças profundas, ambos dentro da igreja e no mundo e na sociedade, requer líderes para tomar decisões relevantes e tomar acções pertinentes. As Escrituras apresentam-nos o facto de que a igreja primitiva fez a sua história no meio a constantes mudanças.

Gostaria de usar o conselho de Jerusalém como um exemplo deste ponto. Na transição do avanço do evangelho para os gentios e a formação de igrejas Judeu-Gentio houve uma necessidade de se produzir um paradigma a fim de estruturar a nova comunidade.

Tiago emergiu como o modelo de um líder especial, que operou num momento crucial dos novos desenvolvimentos. Conhecido como "o irmão do Senhor", ele era um líder com um perfil pouco baixo, mas jogou um papel fundamental naquele momento. Por causa de sua habilidade de escutar, construiu um consenso, para liderar, tomar decisões no meio a conflitos e avaliar evidência, ele pôde jogar um papel coeso. Foi um líder que declinava a fazer apenas o que toda a gente esperava dele, ousando tomar sua própria posição e tornar-se um canal para expressão de um acordo do grupo.

Uma outra particularidade importante é o conflito de credibilidade que o Tiago gazava em ambos sectores o qual permitia-o tornar-se ponte. E finalmente, ele teve a habilidade não apenas de propor um acordo conciliatório, mas de dar um conselho concreto com prudência necessária, assumindo os riscos para o cuidado pastoral aos afectados pelo problema.

Deparado com o súbito social e mudanças culturais com as quais a igreja se debatia no presente século, precisamos urgentemente de liderança com vontade de adaptar-se a guiar a igreja a encontrar a sua identidade e relevância no contexto de ministério.

Uma das perspectivas que as lideranças contemporâneas precisam recuperar tem a ver com o propósito de autoridade que Cristo delegou aos ministros, a de edificar o corpo de Cristo (2 Coríntios 10:8). A meio a realidades tais como relativismo moral, hedonismo, cativar pluralismo religioso e alienar a globalização, o corpo de Cristo precisa de ser guiado e ficar ciente destas realidades a fim de que aqueles que foram chamados a este louvável trabalho pudessem entender este desafio. Neste assunto Gerald A. Arbuckle notou que:

Em culturas orgânicas há poucas regras e regulamentos, a ênfase está na inovação, criatividade e um "retorno" avaliação, para que a organização possa continuar a responder adequadamente a mundo em mudança. Em culturas orgânicas, a liderança força uma atmosfera de participação transformativa na qual as pessoas sentem que pode criar e suportadas por outros membros do grupo. Tomada de decisões é fundamentalmente *proactiva* antes do que *reactiva* ou crise de gerenciamento. Isto significa que o gerenciamento orgânico é feito de "pessoas que antecipam"; quando elas vêem que as mudanças vão acontecer, fazem planos de se adaptarem a elas, reconhecer a necessidade de criar e gerir mudança, em vez de limitarem-se a ser agentes passivos.⁵

Poder é definido como habilidade de influenciar comportamento, e a autoridade é o poder legitimado e intitucionalizado. Isto levanta o imperativo de reflectir-se em como é que tomamos vantagem disto para o bem e saúde da igreja, e como é que usamos o dom da real autoridade para guardarmos e guiar a igreja a viver dentro dos parâmetros dados por Deus, e ministrar adequadamente na sociedade pós-moderna.

Antioquia: Um exercício de Autoridade Corporativa

O próprio exercício da autoridade e poder na liderança precisa ter uma protecção da igreja, porque o exercitar liderança e autoridade Cristã envolve ser submisso ao corpo de Cristo, que em retorno está sujeito à Cabeça.

O próximo que quero partilhar é Actos 13:13-14. O Hispanic World Bible Commentary afirma que: “a imposição de mãos indica o reconhecimento de três coisas: 1) a existente presença de um dom especial ou ministério; 2) uma contínua oração intercessória para o dom do Espírito Santo; e 3) a vontade de ambos, a igreja e a pessoa ordenada, aceitar a nova responsabilidade." Foi assim que Paulo e Bernabé foram enviados a novos campos missionários com a autoritativa protecção da igreja em Antioquia.⁶

O modelo Antioquiano, protegida pelo resto do Novo Testamento, sugere um propósito divino e direcção do ministério. A autoridade é importante porque clama o direito de carregar o ministério a que alguém é chamado. Ministros que são líderes têm o direito, uma legitimidade de

⁵ Gerald A. Arbuckle. Refundar la Iglesia: Disidencia y Liderazgo. Editorial Sal Terrae. Cantabria. España. 1998. Pags. 91-92

⁶ Carro Daniel y Otros Editores. Comentario Bíblico Mundo Hispano, Tomo 18: Hechos. Editorial Mundo Hispano. El Paso, Texas. E.U.A. 1994. Pag.90.

realizar a tarefa que o Espírito Santo pôs em frente deles. A igreja concede autoridade ministerial afirmando a chamada e providenciando o lugar de serviço.

O propósito e direcção do ministro vem de Deus, mas eles tem lugar em termos de interacção humana. Ambas dimensões são incluídas das quais segue-se que o líder tem o “o poder ou direito de ministrar concedido pela igreja pelo propósito de cumprir a chamada de Deus.” Em outras palavras, a autoridade da igreja legitima a liderança capacita-o/a a cumprir sua missão.

Em face dos grandes colapsos institucionais que ocorreram na área de liderança e estrutura dentro da igreja evangélica, é relevante apontar à necessidade de fazer o inventário e rever o nosso ministério e suas actividades comparando-os com o desafio bíblico de reconhecer, aceitar e incorporar a importância de suportar e cobrir a igreja no desenvolvimento de liderança efectiva e saudável.

Coríntios: Desafios Intrínsecas ao exercício de poder e autoridade na igreja

Em algum ponto toda a liderança e autoridade é confortado na essência da razão e prática. As Escrituras põem-nos face a face com a realidade de que autoridade divina está ainda incluída neste assunto em base diária. Por isso devemos reflectir nesta dupla dimensão de autoridade e liderança incluindo, como já dissemos, o exercício da autoridade, e noutra mão, a reacção a isso.

A igreja Coríntia foi possivelmente "a espinha na carne " do Paulo. As percepções que emergem das cartas, dão a impressão de que a resposta da comunidade a esta autoridade levantou tensões nele. Elas enfraqueceram-lhe, tentando-o a "impor" autoridade militar na carne, quando a intervenção divina insistiu-lhe a aproximar a situação diferentemente.

Como é que o apóstolo encarou esta situação? O tom das cartas do Paulo, especialmente II Coríntios contém a variedade de expressões. Os falsos mestres em Corinto, formado pela cultura Grega no momento, tem certas expectativas de como o líder espiritual deve ser. Eles esperavam oradores eloquentes com uma presença física atractiva. A palavra fraqueza não estava no vocabulário deles. Na sua concepção como "gurus" espirituais, acreditavam que que tinham um palpite de “sobrenatural”; declaravam que eles tinham experiências místicas extraordinários e revelações que faziam deles indivíduos especiais. Na confrontação, sugestões históricas que Paulo não era nada mais que era um tagarela, uma pessoa fraca não impressionante que dá a

entender exercer autoridade nas suas cartas mas era justamente um empurrão. A sua passividade para com isto, só confirmaram a sua suspeita.

O apelo de Paulo aos Coríntios em resposta à forte pressão deles tinha intensões puras (2 Coríntios 10:1). Paulo prefere endereçar o assunto de "ternura e bondade " como aquela de Cristo. O apóstolo quer ser identificado com força controlada do Senhor encarnado.

Encarando oposição, queremos ganhar a discussão, levar os pontos dos nossos oponentes ou aumetar reputação? Deve ser clarificado que ternura e bondade não são necessariamente atitudes passivas e sobressair no contexto de uma atitude humilde na liderança. A partir desta perspectiva, as vezes o líder precisará falar a partir da frente e agir vigorosamente como Jesus Cristo fez e em casos extremos requiere disciplina da igreja numa tentativa de corrigir situações que o requeira, como o apóstolo fez,. Loritts põe isto desta maneira:

Ser humilde ... não significa que o líder não corrija, repreende, ou se necessário espedir alguém. O líder com humildade genuína e autêntica atitude de um servo faz a coisa justa e não vive de acordo com seus próprios interesses ... quando aqueles que servimos recusam-se a agir de acordo com o que Deus quer que façam, a escolha é clara, e a melhor maneira de servir é passar a outra esfera de actividade. Não é humildade abster-se de fazer o que é difícil, mas devemos também fazer a coisa justa.⁷

Comprendemos então, que na prática da autoridade precisamos complementar estas doses de ternura e bondade de Cristo com energia necessária requerida para manter a saúde da igreja.

Neste aspecto, a cena contemporânea apresenta nos com mentalidade niilista que influencia a sociedade e a igreja na pós-modernidade. Niilismo, que vem do latim *nihil* (nada) e *ismus* (doutrina, moção prática) é uma filosofia de "atitudes", uma vez que não é uma tendência filosófica estreitamente definida de recusa de qualquer princípio, autoridade, e filosófico, religioso, político ou dogma social. Niilismo é uma posição filosófica que discute que o mundo, e especialmente a existência humana, objectivamente não tem sentido, propósito, verdade compreensiva, ou valor essencial mais alto, então as pessoas não precisam deles.

Numa maneira subtil, como cultura influenciou os modelos de liderança da igreja, tem também feito um amolgar na Igreja de Cristo com relação à perspectiva das autoridades da

⁷ Loritts, W. Crawford, Jr. Liderazgo perdurable. Editorial Portavoz. Grand Rapids, Michigan. E.U.A. 2011. Pag.130

Igreja. De qualquer maneira, niilismo transformou a liderança Cristã minimizando a sua importância e directamente delegada por Deus, e isso como todos nós sabemos, levou a lutas e divisões eternas que despedaça e embaraça, e mesmo paralisa a missão da igreja.

Ter uma real autoridade, o sincronismo deve ser estabelecido entre autoridade saudável e subjeção saudável, para que o desafio que confronta-nos é como encaramos resistência às perspectivas e decisões que nos tocam como líderes no exercício das nossas funções e responsabilidades.

Santidade como quadro de trabalho para o exercício de liderança saudável

Autoridade ministerial, como já dissemos, não é imposto que seja legítimo; de alguma maneira necessita de ganhar, e em outras palavras, começa a expressar-se genuinamente a partir do tempo em que relacionamentos saudáveis são construídos dentro da inteiração com o grupo.

Devemos deduzir então, que a igreja adopta a sua liderança por causa da qualidade do líder no interrelacionamento estabelecido. Precisamos de falar sobre o vital sujeito da santidade no exercício da autoridade na igreja, como isto influencia substancialmente as dimensões relacionais do Líder

Desejo clarificar que a referência a santidade aqui não se baseará numa análise bíblica ou teológica, mas será tratada do ponto de vista de suas implicações para a prática de liderança Cristã em qualquer contexto particular.

O apóstolo Paulo diz em 2 Timóteo 3:16 que a inspiração plenária da Escritura serve os propósitos de treinar o homem de Deus na perfeição, perfeitamente preparar-lhe para fazer boas obras, implicitamente denotar as duas dimensões envolvidas na sua vocação: carácter e conduta.

As Escrituras e especificamente as cartas pastorais enfatizam estes aspectos da pessoa do líder quando vem ao ministério. Aqui, podemos também afirmar que muitos dos requisitos para ser ministro relacionam-se ao carácter e conduta que o ministro pode ter e não capacidade técnica ou intelectual.

Para tornar-se ministro, os aspirantes devem ser irrepreensíveis em carácter e em conduta, na qualidade de sua família e seu relacionamento com outros, que deverão testificar a boa conduta dele como pessoa. "Esta é uma palavra fiel: se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja. Agora o bispo não deve ser repreensível...temperado, contencioso,

respeitável...não violent mas gentil, não intrigusta, não amor ao dinheiro ...Deve também ter bom testemuho dos de fora, para que não caia em desgraça e na cilada do diabo” (1Timóteo 3:1-7 NVI).

Porque Deus, coerência entre as duas dimensões da personalidade é essencial, e como tal, o assunto da integridade ministerial como fundamento para autoridade ministerial torna-se um aspecto muito importante necessária a ser endereçado.

O ponto de vista negative pode ilustrar isto no caso do líder que perde autoridade quando os membros percebem brechas no seu character ou conduta imprópria e irresponsabilidade na maneira que cumpre com os seus deveres. Enquanto a sociedade está a assimilar condutas que crescentemente tem saído dos padrões bíblicos de conduta ética, torna-se mais importante que os ministros sejam desafiados a apoiarem integralmente a proclamação dos valores inclusos no evangelho de Jesus Cristo, Cordeiro refere-se a isto quando diz:

Quando os líderes em qualquer nível no qual trabalham, páram de viver com integridade, a chuva radioactiva é mortal. Envenena a comunidade, destroy a confiança, devasta a unidade e coerência da missão, e, o que é mais sério, trai a causa do evangelho de Cristo e desonra o Deus que servimos. Pelo contrário, quando os líderes Cristãos praticam o que declaram, guardam as suas promessas e servem suas comunidades (em pouco tempo, quando nos mostram Jesus Cristo), e então a comunidade Cristã fortalece-se e avança a sua missão.⁸

assim, integridade, que é muito de perto associada ao conceito de santidade, é crucial quando quando a igreja adopta a sua liderança, uma vez que se estabelece consistentemente entre o que o líder é e o que ele faz a favor da saudável vida e missão da igreja.

Tal como o character é ezpresso através de virtudes, tal como o amor e sabedoria, o ministro procurará isso para reforçar e construir um carácter pessoal de acordo com os princípios bíblicos, ele deve ir ao santificador e dador de virtude. Ele precisará destas virtudes para exercitar autoridade ministerial e influência na sua liderança numa maneira edificante: o Espírito Santo sozinho pode produzir fruto de amor, alegria, paz, paciência, ternura, bondade, fidelidade, gentil, e auto-control (Gálatas 5:22-25) , que expressa não somente as boas obras, mas são nascido no mesmíssimo coração do homem ou mulher de Deus.

⁸ Lamb, Jonathan. *Integridad: Liderando Bajo La Mirada de Dios*. Ediciones Certeza Unida. Buenos Aires, Argentina. 2010. Pag. 22.

Um líder que demonstra o fruto do Espírito Santo na sua vida também descobre que pode escolher as alternativas para acções correctas e responsabilidade para o serviço, quando guiar ou liderar o grupo em questão. então, a autoridade de um líder é também baseada em éticas de conduta que toda a gente pode ver, o que será um factor determinante em como muita autoridade moral que será o factor determinante em quanta autoridade moral tem que exercitar autoridade corporada

Conclusão

A concepção da liderança Cristã contemporânea tem sido permeada por um entendimento secular levada dos padrões culturais da sociedade. Os ministérios deve ser desafiados a revisitarem os modelos de uma mais perspectiva bíblica e valores Cristãos corporados neles. Jesus apresenta-nos um estilo de liderança de um rei-escravo, um modelo de liderança escarpou na influência do próprio ministério, ao assumir uma atitude humilde e serviço à igreja e ao mundo.

Alguns modelos eclesiológicos do Novo Testamento também providenciam características essenciais relevantes ao exercício da autoridade ministerial. Os desafios encaradas pela liderança no Conselho de Jerusalém apresentam o modelo de abertura de adaptar-se a mudanças culturais a fim de desenvolver um ministério contextual e apropriado. Antioquia providencia a base para uma liderança adequada da qual a missão e ministério podem se desenvolver. Coríntios coloca a necessidade de autoridade integrada e subjecção dentro do quadro de trabalho de humildade e disciplina da igreja. Finalmente, endereça o assunto de santidade como a essência de uma liderança autoritativa e eficaz.

Numa tentativa de construir um modelo de liderança com um exercício da autoridade e poder mais bíblico dentro da igreja, modelos de liderança responsável e valores que são descritos na Palavra de Deus são necessários, assim para que não caia na adopção de estruturas seculares inadequadas que demorariam ou paralisariam a missão e avanço do Reino de Deus. Noutra mão, a igreja é desafiada a preparar líderes para a mudança no século vinte e um. A educação teológica precisa de adoptar o desafio de treinar ministros com discernimentos aguçados para futuras realidades, a fim de continuarem com a nossa missão contextualizada.

Ao mesmo tempo, um ambiente saudável para o desenvolvimento da autoridade capacitará a igreja estabelecer conexão entre o ministério e os líderes da igreja, dando elevação a um dinâmico duo de apoio mútuo e submissão para o desenvolvimento da missão e edificar o corpo de Cristo.

Um outro aspecto importante a escorar nesta conclusão é o facto de que a igreja na sua prática administrative deve reforçar a sua perspective sobre a disciplina bíblica, aprender como balançar a autoridade e reagir a ela. É saudável tornar a endereçar não apenas fundamentações da disciplina da igreja, mas também sua prática para o bem e saúde da igreja e a vindicação de uma legítima autoridade Cristã.

Finalmente, santidade no exercício de liderança é vital à autoridade espiritual da liderança, e requer líderes para aprofundarem e viverem nesta perspective divina, endereçando os desafios da relatividade moral na qual ministramos, melhorando a essência transformativa do evangelho de Jesus Cristo e glorificando o nosso exaltado Deus.

Referências bibliográficas

Agüera Ibáñez, Enrique. *Liderazgo y Compromiso Social*. Editorial BUAP. Mexico. 2004.

Carro Daniel y Otros Editores. *Comentario Bíblico Mundo Hispano, Tomo 18: Hechos*. Editorial Mundo Hispano. El Paso, Texas. E.U.A. 1994.

Gareth, Morgan. *Imágenes de La Organización*. 1998. Edit. Alfa Omega. México, D.F.

Gerald A. Arbuckle. *Refundar la Iglesia: Disidencia y Liderazgo*. Editorial Sal Terrae. Cantabria. España. 1998.

In Sik Hong. *¿Una Iglesia Posmoderna?* Ediciones Kairos. Buenos Aires, Argentina. 2001

Jiménez Burillo, Florencio. *Psicología de la Relaciones de Autoridad y Poder*. Editorial UOC. Barcelona, España. 2006

Lamb, Jonathan. *Integridad: Liderando Bajo La Mirada de Dios*. Ediciones Certeza Unida. Buenos Aires, Argentina. 2010.

Loritts, W. Crawford, Jr. *Liderazgo perdurable*. Editorial Portavoz. Grand Rapids, Michigan. E.U.A. 2011.

Neri Samuel. *Siervos o Reyes: ¿Quién manda?*. Diciembre de 2009.

www.compromisocristiano.com/autoridad/siervos-o-reyes-¿quien-manda.html.

Padilla, C. René, editor. *La Fuerza del Espíritu en La Evangelización*. Ediciones Kairos. Buenos Aires, Argentina. 2006

Sanders, J. Oswald. *Liderazgo Espiritual*. Editorial Portavoz. Grand Rapids, Michigan, E.U.A. 1995.

Trull, Joe E.y Carter, James E. *Ética Ministerial*. Casa Bautista de Publicaciones. El Paso, Texas. 1997.